

MATIAS NTUNDO

"Escrever" a história no pau-preto

Por Albano Naroromele

O Mestre de escultura makonde, Matias Ntundu, produziu três peças de pau-preto representando, segundo disse, igual número de fases bem distintas da vida da população do Plano de Mueda. «Quero «escrever» a nossa História no pau-preto» — explica Ntundu, nome já sonoro nos meios artísticos moçambicanos, pois pertence ao autor de uma das «Peças do Ano» — eleitas pela empresa «Artesanato Loja-Galeria» — além de ter sido uma das «presenças/84» seleccionadas por este semanário. Ele recebeu-nos em casa, aldeia Nandimba, em Setembro deste ano.

As três peças integrarão uma exposição individual que o artista pensa poder realizar em Maputo no próximo ano. Trata-se de uma previsão bastante «tremida», na medida em que, embora Ntundu esteja já preparado para o evento, encorajado por contactos e incitamentos da empresa «Artesanato Loja-Galeria» (agora através do «Horizonte Arte Difusão»), o plano desta exposição ainda não tomou forma.

— Mas eu vou «escrever» a História dos makondes mesmo sem exposição — declarou o mestre, na sua voz calma, própria de alguém que sabe, dispensando sem hesitações que o digam, o seu valor real. Em face disto, «Domingo» preferiu falar com o escultor «longe» dos planos da exposição.

— Vou mostrar-lhe as três peças que fiz — anunciou quando mudamos de assunto. Desapareceu na porta escura da sua palhota, mas voltou, pouco depois, com um sorriso, passo confiante e as peças nas mãos.

Segundo o autor, uma «fala dos antepassados de muito tempo». Representa uma velha de olhar desconfiado e taciturno. A tatuagem é lacónica e abstracta. Leva à cabeça um enorme cesto e meteu numa bolsa da tanga curta algumas espigas de milho. O ombro esquerdo suporta a enxada e a mão direita segura firmemente a bolsa da tanga, para não deixar cair as espigas, de modo que o enorme cesto não tem outro suporte senão cabeça e o equilíbrio do corpo cansado, sincronizado no movimento dos pés pisando o carrairo conhecido.

A outra peça é sobre antepassados mais próximos. A tanga foi substituída por uma indumentária mais cuidada e completa, embora a mulher, jovem, representada na peça, ainda não traga blusa e lenço de cabeça. Alguns motivos decorativos da roupa acentuam a beleza dos traços femininos. A tatuagem, profusa, faz lembrar algumas

figuras geométricas convencionais. A enxada vai no cesto que não está completamente cheio de milho.

A mão direita segura o cesto, enorme também, mas a esquerda está totalmente livre e caída,



Matias Ntundu: — Quero «escrever» a História no pau-preto

um pouco afastada do corpo para ter a liberdade do movimento de vai-vem, que auxilia o passo. Apesar do bebé, que dorme tranquilamente nas costas da mãe, esta é bonita e parece comunicativa.

Por último, a terceira peça representa um criado de mesa, em casa do patrão, transportando habilmente uma bandeja a transbordar de comida confeccionada. Não tem tatuagens este criado de movimento servil, apumado e robusto. «Fala de hoje» — disse Ntundu, acrescentando: — Não me pergunte qual «hoje», porque eu penso que há muitos «hoje»... há coisas que eu vi ontem e continuo a ver hoje. Há confusão de «hoje».

— Mas se o Matias Ntundu não viu os antepassados, esses «de muito tempo», como é que diz que esta peça fala deles? — perguntamos, tendo na mira a velha de olhar desconfiado e taciturno.

— As pessoas não acabam de qualquer maneira — respondeu o Mestre. — Os velhos continuam por aí, vivos. Nesta aldeia há velhas como esta escultura. Eu também sei perguntar como vocês. Falo com esses velhos, penso no que me dizem, vejo e depois imagino também.

Ntundu não parece ter dificuldades em «sacar» dos velhos a história dos antepassados mais recuados. Disse-nos que não precisa inclusivamente de fazer uma introdução para fazer compreender aos seus interlocutores sobre a necessidade de responder as perguntas: — Eu até não pergunto, converso.

— Às vezes — adianta — não preciso de ir à casa desses ve-

Dom.
21/12/86

cambique para Tanzania com toda a família.

Foi naquele País onde se tornou mestre. Antes disso, mestre era Patrício Benjamim, que o ensinou a esculpir. O teste foi uma cara de Lênine e um emblema com as efígies de Eduardo Mondlane, dum lado e de Julius Nyerere, doutro.

— Não é qualquer artista que faz isso — informou Ntundu, acrescentando que «o problema não é fazer uma coisa», mas sim a criatividade.

Numa cooperativa, segundo ele, quem atribui o título de mestre são os cooperativistas. Se o artista não pertence a uma colectividade, o público encarrega-se de o julgar e decidir. Na aldeia Nandimba existem apenas dois mestres, Matias Ntundu e um outro escultor, Gabriel Mpiuka.

Mas Ntundu é também conhecido na comunidade como fundador da Cooperativa do Escultor de Nandimba, criada em Dezembro de 1964, durante a Luta Armada. Ele formou, depois de se ter tornado mestre, muitos artistas nesta cooperativa.

Após a Independência, Ntundu aparece pela primeira vez publicamente em Maputo em 1985 quando se preparava para se deslocar a RDA, onde apresentou uma exposição mostravenda de xilografia, arte que também conhece, embora a tenha praticamente abandonado por falta de material. Também foi seleccionado para as «Presenças/84». O nome de Ntundu voltou a ser repetidamente referido nos círculos culturais da capital este ano, como autor de uma das «Peças do Ano», eleitas pela empresa Artesanato, Loja-Galeria.

lhos. Falo com eles na machamba, quando algum deles tem um terreno próximo do meu. É uma conversa normal. Quando falam comigo consideram que falam com um camponês simples, um filho. Eles têm razão, por que muitas vezes, eu próprio não me dou conta de que estou a fazer investigação.

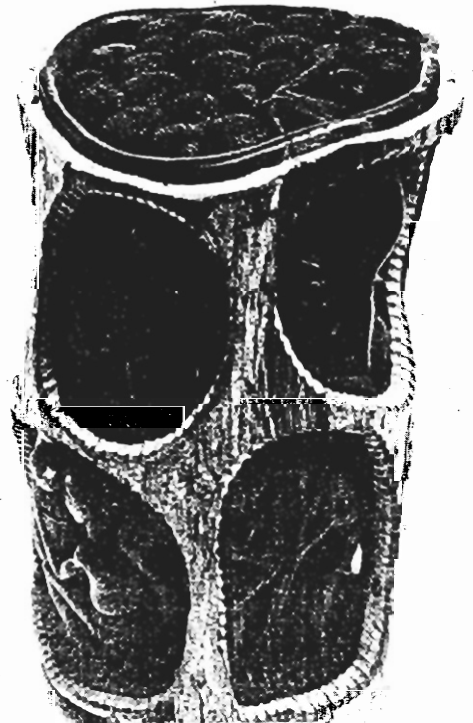
Só depois, à noite, deitado, quando os filhos estão a dormir sem problemas de fome «eu costumo pensar: ah! mas aquilo que o velho falou eu posso «escrever» no pau-preto! Então começo a fazer a peça no dia seguinte, quando acabar o trabalho da machamba. — conta Matias Ntundu.

— Mas os velhos podem saber que você está a ouvir ou a perguntar para depois «escrever» no pau-preto? — insistimos.

— Não sei — disse o escultor. — Sabe? Aqui na aldeia, quando me vêem dizem assim: «aquele é Ntundu, o «fundji». Eu acho que quando dizem isso, as pessoas vêm primeiro a pessoa e depois o artista. Então os velhos falam com Ntundu e não com o «fundji». Agora, se eles sabem que eu vou escrever a história deles também não há problemas. Não ficam zangados.

NTUNDU E A ARTE

Tem 38 anos o nosso entrevistado. Nasceu em Mandimba, Mueda, província de Cabo Delgado. Começou a aprender a arte makonde pouco antes de 1964, ano em que fugiu de Mo-



O nosso entrevistado é autor de uma das «Peças do Ano/85» que se vê na imagem



O mestre Ntundu em Berlim, RDA, por ocasião da grande mostra venda de arte e artesanato de Moçambique, em Novembro do ano passado